

HQs nos Livros Didáticos de Ensino Médio¹

Cristiane Mayumi MORINAGA²

Silvia Carvalho de Almeida JOAQUIM³

Roberto Elísio dos SANTOS⁴

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP

Resumo

Este trabalho parte de uma pesquisa exploratória de caráter quantitativo que emprega o levantamento documental e a análise de conteúdo para estudar a presença das histórias em quadrinhos (HQs) em livros didáticos na atualidade. O *corpus* é formado por quatro livros didáticos do Ensino Médio de 2008, 2011 e 2012, sendo dois de História e dois de Língua Portuguesa, de duas grandes editoras brasileiras: FTD e Moderna. O estudo buscará mostrar os tipos de quadrinhos utilizados, os autores, a relação com o conteúdo, a incidência e os temas explorados pelas HQs em cada material, a fim de descobrir o objetivo das editoras ao adotá-las.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos; Livros didáticos; Ensino Médio.

Introdução

O governo brasileiro possui órgãos específicos para legislar sobre as políticas do livro didático no Brasil desde 1929. Desde então, é responsável pela seleção e distribuição desses livros para as escolas públicas do país. Na década de 1990, com a intenção de criar um padrão elevado de qualidade para os livros didáticos, iniciou-se um processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Ainda na década de 1990, o MEC publicou os Parâmetros Curriculares Escolares, destinados aos professores de diversas disciplinas. Na Introdução dos parâmetros, podemos encontrar, referente às imagens nos livros, um dos objetivos propostos para o ensino fundamental: “utilizar as diferentes linguagens – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais [...]” (BRASIL, 1998, p. 55-56). As histórias

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (PPGCOM-USCS), email: cristiane.mayumi@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (PPGCOM-USCS), email: sicalmeida@yahoo.com.br

⁴ Orientador do trabalho. Professor livre-docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (PPGCOM-USCS), email: roberto.elisio@uscs.edu.br

em quadrinhos se encaixam aqui como uma das linguagens utilizadas nos livros didáticos para transmitir os conhecimentos e complementá-los.

As HQs englobam diversos gêneros. Tira, caricatura, charge, cartum e piada são alguns dos exemplos. Como argumenta Paulo Ramos (2009), “esse excesso de nomes é consequência de um desconhecimento das características das histórias em quadrinhos e de seus diferentes gêneros” (RAMOS, 2009, p. 16). O autor acrescenta que há pelo menos três comportamentos teóricos dessa classificação por gêneros:

- o que vê os quadrinhos como um grande rótulo que abriga diferentes gêneros;
- o que vincula os gêneros de cunho cômico – charge, cartum, caricatura e tiras (em alguns casos, chamadas de quadrinhos) – num rótulo maior, denominado *humor gráfico* ou *caricatura* (usada neste segundo momento num sentido mais amplo);
- o que aproxima parte dos gêneros, em especial as charges e as tiras cômicas, da linguagem jornalística (linha apoiada no fato de serem textos publicados em jornal). (RAMOS, 2009, p. 21).

Todas as abordagens são válidas, mas é preciso optar por uma delas dependendo do objeto do estudo. Como nosso objeto de estudo são os livros didáticos, nos quais encontramos vários gêneros dos quadrinhos, vamos optar pela primeira linha teórica, que vê os quadrinhos como um grande rótulo que agrega vários gêneros. Essa visão também é trabalhada por Ramos (2009) e Cagnin (1975). Em resumo: “Podem ser abrigados dentro desse grande guarda-chuva chamado quadrinhos os cartuns, as charges, as tiras cômicas, as tiras cômicas seriadas, as tiras seriadas e os vários modos de produção das histórias em quadrinhos” (RAMOS, 2009, p. 21).

Assim, vamos primeiramente apresentar uma definição resumida dos gêneros encontrados em nossa análise:

1) Charge: Segundo Cagnin (1975), tem como forma de apresentação comum uns poucos quadrinhos, geralmente um só, com intuito de “provocar o riso nas suas mais diversas gradações, desde o inocente e descomprometido ao amargo e agressivo” (CAGNIN, 1975, p. 179). Já Paulo Ramos define a charge como “um texto de humor que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário. De certa forma, ela recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com uma notícia uma *relação intertextual*” (RAMOS, 2009, p. 21).

2) Caricatura: É a representação exagerada de características ou hábitos de uma pessoa. Tipo de charge que não conta história nenhuma, apenas apresentando algo engraçado ou irônico (CAGNIN, 1975, p. 179).

3) Cartum: Também muito semelhante à charge, com a diferença de não apresentar ligação com um fato noticiário (RAMOS, 2009, p. 23).

4) Tira: Foi seu formato que lhe deu esse nome. Geralmente possui temática ligada ao humor, texto curto construído em um ou mais quadrinhos, com personagens fixos ou não e narrativa com desfecho inesperado (RAMOS, 2009, p. 24). A de conteúdo humorístico é autocontida, ou seja, seu enredo começa e termina na mesma tira, ao contrário da de aventura, que é serializada durante meses e contém ganchos para manter o leitor interessado na sua continuidade. Ambas possuem, contudo, um traço comum, a sequencialidade: sua leitura segue a ordem estabelecida entre uma vinheta e a que a antecede e a que a sucede, assim como os elementos visuais e verbais no interior de cada uma delas.

Quadrinhos e Educação

A relação entre histórias em quadrinhos e educação foi conturbada durante décadas, uma vez que os professores acreditavam que esse produto midiático afastava o público, normalmente a criança, da leitura de textos mais “sérios”, como os clássicos da literatura. Além disso, as HQs eram consideradas de baixo nível cultural tanto em relação aos desenhos como no que se refere aos enredos e aos diálogos. O auge da rejeição aos quadrinhos aconteceu nos Estados Unidos no início da década de 1950, com a publicação do livro *Seduction of the Innocent (Sedução do Inocente)*, do psicanalista Fredric Wertham, que trabalhava com menores infratores e estabelecia uma relação direta entre os quadrinhos e a delinquência juvenil.

Mas a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996 marcou o início da aceitação das histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica, selando um pacto entre este produto cultural midiático e a educação formal (SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p. 81). Os educadores podem encontrar diversas aplicações para as narrativas gráficas sequenciais na sala de aula: no processo de letramento, para difundir o gosto pela leitura, para o aprendizado de línguas estrangeiras, em aulas de Arte, de Língua Portuguesa e de História. Há, também, muitas adaptações de textos literários para os quadrinhos que podem ser o contato inicial dos leitores com essas obras, sejam elas escritas por autores brasileiros ou estrangeiros.

Livros Didáticos e Quadrinhos

Para nossa análise, foram utilizados quatro livros didáticos: dois de Língua Portuguesa (LP) da terceira série do Ensino Médio e dois de História (um da terceira série do Ensino Médio e outro reunindo em volume único as três séries do Ensino Médio). A escolha pelo Ensino Médio se deveu pelo fato de ser uma época escolar em que os estudantes já compreendem bem os gêneros literários e também pelos materiais didáticos explorarem questões de vestibular. Quanto às disciplinas, optamos por LP e História por serem as que mais usam as HQs tanto em atividades como em explicações teóricas. Procuramos materiais semelhantes, com datas recentes de publicação (2008, 2011 e 2012), porém de editoras diferentes (Moderna e FTD), a fim de estabelecer uma comparação.

Língua Portuguesa (LP)

Os livros de LP escolhidos para análise foram: *Linguagem em movimento: literatura, gramática, redação: ensino médio*, volume 3, de Izeti Fragata Torralvo e Carlos Cortez Minchillo, São Paulo: FTD, 2008 (Figura 1, à esquerda), e *Português: contexto, interlocução e sentido*, volume 3, de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernardete M. Abaurre e Marcela Pontara, São Paulo: Moderna, 2008 (Figura 1, à direita).

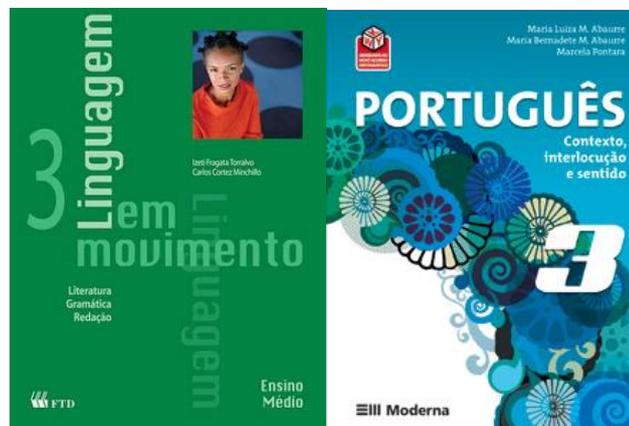


Figura 1 – Livros didáticos de LP selecionados para análise.

Língua Portuguesa (LP): FTD

Contendo 336 páginas, o livro da FTD é dividido em 5 eixos temáticos: “1- Os diversos Brasis”, “2- O passado posto abaixo e o futuro por escrever”, “3- A arte toma partido”, “4- Uma vida de indagações” e “5- Este mundo é demais”.

Cada um desses temas, por sua vez, possui 5 subdivisões: “O Tema no Tempo”, que traz uma introdução ao tema e o contexto em que ele se encontra; “Literatura”, cujo intuito é apresentar uma escola literária em cada um desses eixos temáticos; “Interpretação e Gramática”, que traz um texto para interpretar em cada tema e, quanto à gramática, aborda a cada eixo temático um diferente uso da análise sintática; “Redação”, que mostra o texto dissertativo e suas variadas nuances; e “Teste seus Conhecimentos”, com questões de vestibular. Vale destacar que todas as subdivisões possuem exercícios ao final de cada explicação para o aluno testar o que acabou de aprender.

Levantamos em todo o material um total de 24 quadrinhos, segundo a classificação adotada na Introdução deste trabalho. A maioria é de charges (58%), ficando em segundo as tiras (21%), em terceiro as caricaturas (13%) e por último os cartuns (8%) (Gráfico 1).

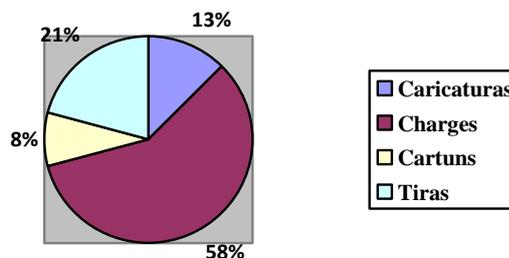


Gráfico 1 – Livro LP FTD: Total de quadrinhos por tipo.

Quanto às seções, pôde-se notar uma porcentagem similar de quadrinhos em cada uma, sendo 29% em Interpretação e Gramática, 25% em Redação, 21% em Literatura e 25% em O Tema no Tempo. Somente a seção Teste seus Conhecimentos não apresentou nenhum quadrinho (Gráfico 2).

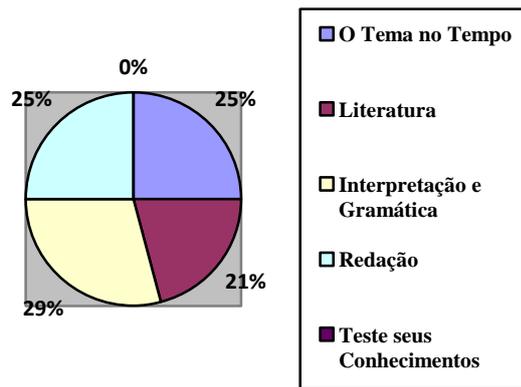


Gráfico 2 – Livro LP FTD: Total de quadrinhos por seção.

Na relação com o conteúdo, pudemos verificar que no Tema 1, cuja escola literária apresentada é o Pré-Modernismo, temos 1 charge sobre a modernização do Rio de Janeiro, 1 caricatura de um tipo feminino da sociedade carioca da época, 1 charge do personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, bem como 1 caricatura desse escritor. Em Interpretação, há 2 charges sobre desigualdade social, que é o tema do texto para interpretar. Em Gramática, 1 tira e 1 cartum são usados para elaborar os exercícios sobre predicativos do sujeito.

Já o Tema 2, que aborda a primeira fase do Modernismo, traz 2 charges na seção “O Tema no Tempo” sobre a chegada das máquinas e do moderno, uma delas ironizando o assunto por meio da máquina de pentear macaco (Figura 2).

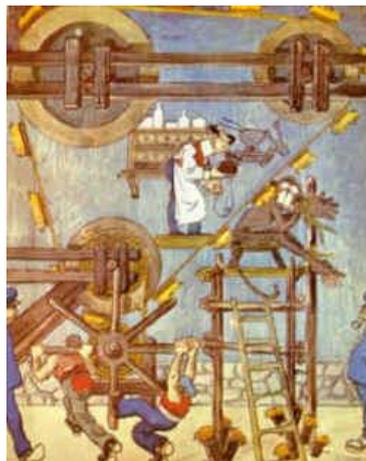


Figura 2 – Máquina de pentear macaco, charge de J. Carlos para a revista *Careta*, 1907. In: TORRALVO; MINCHILLO, 2008, p. 63.

Em Literatura, há 1 tira para exemplificar o surrealismo e 1 cartum para ilustrar a ligação com a obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Em Interpretação, 1 charge retrata

um texto de José Roberto Torero ironizando escritores modernistas que escrevem sobre o passado colonial. Em Redação, no primeiro exercício de proposta, os alunos são convidados a redigir um texto opinativo argumentativo com base em 2 charges sobre a televisão. Já no segundo exercício, 1 tira e 2 charges são o ponto de partida para o assunto a ser discutido.

O Tema 3, sobre a segunda fase do Modernismo, traz em “O Tema no Tempo” 1 charge sobre Portinari e 1 charge ilustrando um exercício sobre o lobismo (política de *lobby*). Gramática mostra 1 tira em um exercício para identificar a função sintática, enquanto Redação aborda 1 charge sobre desigualdade social em outro exercício.

O Tema 4, tocante à terceira fase do Modernismo, tem apenas 1 cartum em um exercício em “O Tema no Tempo” sobre a tendência humana ao questionamento. O Tema 5, que aborda a Literatura Contemporânea, também apresenta apenas 1 tira em um exercício de interpretação de texto.

Quanto à autoria, notou-se uma diversificação, sem predominância de nenhum autor. Somente Fernando Gonsales, Angeli e J. Carlos tiveram mais aparições, 2 vezes cada. Os demais autores – Villemard, Senna, Adão, Maitena, Laerte, Nilson, Luscar, Gilmar, Edgar Vasques, Hans Staden, Museu Carnavalet, José Alberto Cornavaca, Afo, Voltolino, Artur Lucas (Bambino), Glauco, Caulos e Santiago – tiveram 1 incidência cada.

Língua Portuguesa (LP): Moderna

Mais extenso, o livro da Moderna contém 512 páginas. É dividido em 3 seções (Literatura, Gramática e Produção de texto), que por sua vez são separadas por 8 unidades. Cada unidade é subdividida em capítulos, assim Literatura possui 2 unidades (1- O Modernismo e 2- O Pós-modernismo) e 8 capítulos; Gramática, 3 unidades (3- Sintaxe do período composto, 4- Articulação dos termos na oração e 5- Aspectos da convenção escrita) e 8 capítulos; e Produção de texto, 3 unidades (6- Narração e descrição, 7- Exposição e 8- Exposição e argumentação nos vestibulares) e 7 capítulos. Ao final de cada unidade há exercícios de treino para o vestibular.

Com uma abordagem diferente do livro da FTD, *Português 3: Contexto, interlocução e sentido*, como afirma o próprio título, trabalha os diferentes contextos de uso da língua, do literário ao cotidiano. Por esse motivo notou-se maior uso de quadrinhos, tendo sido levantados 98. Desse total, predominaram as tiras (84%), empatando em segundo os cartuns e as charges, com 8% cada. Não houve nenhuma ocorrência de caricatura (Gráfico 3).

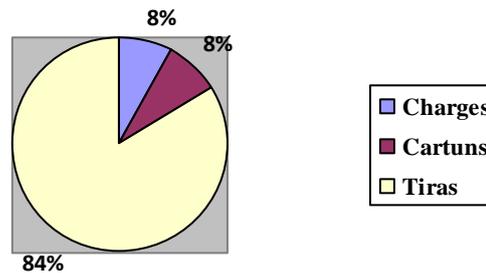


Gráfico 3 – Livro LP Moderna: Total de quadrinhos por tipo.

Quanto aos quadrinhos por seção, notou-se uma maioria em Gramática, com 91%. Produção de texto e Literatura apresentaram apenas 6% e 3%, respectivamente (Gráfico 4).

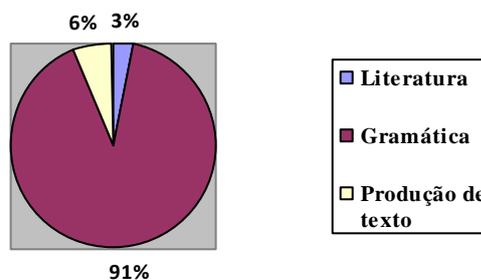


Gráfico 4 – Livro LP Moderna: Total de quadrinhos por seção.

Pudemos notar que, diferentemente do livro da FTD, em que houve um equilíbrio do uso de quadrinhos para todas as seções, a Moderna preferiu usar fotos e ilustrações na parte de Literatura e Produção de texto. Dessa forma, faremos a relação com o conteúdo focada na seção onde os quadrinhos surgiram mais, ou seja, Gramática.

Assim, por exemplo, temos no capítulo 11, sobre Período Composto por Coordenação, 1 tira do Garfield, 1 de Frank & Ernest, 1 de A.C, 1 do Recruta Zero e 1 de Hagar, cada qual ilustrando um exemplo de orações coordenadas sindéticas (adversativa, aditiva, alternativa, conclusiva e explicativa). Um esquema com destaques e setas separa as orações para complementar a explicação. Nos exercícios sobre o assunto, mais tiras: 2 de Hagar, 1 de Radicci e 1 de Frank & Ernest e ainda 1 cartum de Sidney Harris, desta vez para o aluno analisar sozinho conforme viu antes na explicação.

Mais à frente, no capítulo 13, sobre Concordância e Regência, temos 1 tira do Níquel Náusea e 1 do Minduim para tratar de concordância nominal. Hagar aparece com 2 tiras na

seção de “Dúvidas frequentes” para exemplificar o uso de “obrigado(a)” e “meio”. Ainda nesta seção, há também uma explicação sobre o uso de “menos”. A título de complementação, um quadro em destaque traz 1 tira do Geraldão (Figura 3) que faz piada com o uso de “menas”, considerado incorreto pela gramática normativa, mas que ganhou um uso jocoso exclusivamente na fala para reprovar o comportamento de alguém. Garfield encerra o assunto com 1 tira sobre o adjetivo/substantivo “torta”.



Figura 3 – Tira de Geraldão, de Glauco, de 2006. In: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2008, p. 322.

Concordância verbal é introduzida com 1 charge do Rango com a frase “Será que um dia nós ainda vamos ser um país cinco estrelas?”. Garfield surge com 1 tira para explicar os casos de expressões partitivas + substantivo/pronome, enquanto a concordância de pronomes fica por conta de *Chiclete com banana*, *Mindum* e *A Legião*, cada qual com 1 tira. Hagar volta nos casos especiais de concordância com os verbos *haver* e *fazer*, exemplificando o verbo *haver* no sentido de *existir*, enquanto Níquel Náusea é usado para indicar o verbo *fazer* como tempo transcorrido e também em outra tira do verbo *ser* + núcleo do sujeito no singular + núcleo do predicativo no plural. Em concordância ideológica, Garfield mais uma vez é usado para exemplificar silepse de número, enquanto a silepse de pessoa fica a cargo de uma tira da série *Chiclete com banana*. O assunto é encerrado com atividades elaboradas sobre concordância verbal e nominal a partir de tiras de *Piratas do Tietê*, do *Recruta Zero* e de *Chiclete com banana*.

A parte de Regência nominal e verbal mostra 3 tiras de Hagar (1 com a frase “Sempre consigo aquilo **de** que estou a fim”, outra com “Você terá a impressão **de** que...” e a última com a regência do verbo *esquecer*, que pode ser direta quando significa *sair da lembrança*, *olvidar*). Uma tira de *Piratas do Tietê* aparece para exemplificar a regência do verbo *implicar*, que é transitivo direto quando usado no sentido de *acarretar*. As atividades mostram propostas de análise sobre o tema estudado a partir das tiras de *Zé do boné*, *Casal Neuras*, *La Vie en Rose*, *Recruta Zero* e *Garfield*.

Quanto à autoria, houve uma diversificação como no livro da FTD, sendo utilizados 27 autores. O que teve mais aparições foi Dik Browne, 14 vezes. Jim Davis ficou em segundo, 9 vezes, e Laerte em terceiro, com 8 ocorrências. Os demais autores apresentaram as seguintes ocorrências: Charles Schulz (7), Fernando Gonsales (6), Caco Galhardo (6), Angeli (5), Biblioteca Mário de Andrade (1), Pereira Neto (2), Quino (5), Glauco (4), Bill Waterson (4), Mort Walker (4), Bob Thaves (3), Adão (3), Johnny Hart (3), Sidney Harris (3), Maitena (2), Edgar Vasques (2), Michael Maslin (1), Scott Adams (1), Luis Fernando Verissimo (1), Jean (1), Rick Kirkman & Jerry Scott (1), Pancho (1), Smythe (1) e Iotti (1).

História

Os livros de História que analisamos foram: *História: sociedade e cidadania*, volume único, de Alfredo Boulos Júnior, São Paulo: FTD, 2011 (Figura 4, à esquerda) e *História: das cavernas ao terceiro milênio*, volume 3, de Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota, São Paulo: Moderna, 2012 (Figura 4, à direita). No entanto, consideramos no livro da FTD apenas o terço final, referente aos conteúdos similares aos do volume 3 do livro da Editora Moderna, para fins de comparação.



Figura 4 – Livros didáticos de História selecionados para análise.

História: FTD

Conforme mencionado, selecionamos do volume único para o Ensino Médio as unidades finais do livro, contendo assuntos similares aos do livro da Editora Moderna. As unidades analisadas foram: XIV: “A era dos impérios” (com capítulos sobre industrialização e imperialismo, a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa), XV: “República: dominação e resistência” (capítulos estudando a República Velha no Brasil), XVI: “Capitalismo, totalitarismo e guerra” (capítulos sobre a Grande Depressão, o fascismo e nazismo; a Segunda Guerra Mundial e a Era Vargas), XVII: “O mundo dividido”

(abordando a Guerra Fria, as independências, o socialismo real e o Oriente Médio), XVIII: “Populismo e ditadura no Brasil” (estudando Dutra, Getúlio Vargas, Juscelino a Jango e o regime militar), XIX: “A nova ordem mundial” (sobre o fim do bloco soviético e a nova ordem internacional).

Neste material selecionado da FTD, encontramos muito mais quadrinhos que no livro da Moderna: 32 imagens. Nesse caso, a preferência pelas charges deu-se bem maior também, com 85%, enquanto as caricaturas e os cartuns ficaram empatados com 6% e por último as tiras, com 3% (Gráfico 5).

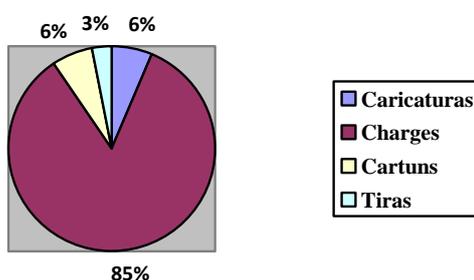


Gráfico 5 – Livro História FTD: Total de quadrinhos por tipo.

A única tira presente no material é da personagem Mafalda, de autoria de Quino, e é também a única que aparece em uma reprodução de questão de vestibular. As outras imagens analisadas foram produzidas contemporaneamente ao assunto abordado, com duas exceções. Uma delas é uma charge sobre “voto de cabresto” (Figura 5), que não apresenta autoria, mas cita como fonte um endereço na internet. Portanto, neste caso não pudemos confirmar de que época seria a imagem, embora os traços nos pareçam mais recentes.



Figura 5 – Charge sobre voto de cabresto. Disponível em: <<http://www.humbertodealmeida.com.br/wp-content/uploads/2008/07/jpg>>. Acesso em: 2 set. 2009.

A outra exceção é uma charge de autoria de Carlos Latuff (artista ainda em exercício), que aborda o racismo em uma seção intitulada “A imagem como fonte”, que aparece durante todo o livro. O capítulo trabalha o nazismo e o fascismo, e a charge de Latuff mostra um jogador de futebol negro brasileiro mostrando um cartão vermelho para um homem com uma tatuagem da suástica.

Encontramos também 7 imagens cujos autores não pudemos identificar, além de 3 imagens também sem identificação, mas contendo assinaturas (não legíveis). Os artistas dos quais são usadas mais de uma obra são: J. Carlos (3 charges), Theó (2) e Fortuna (2). Os outros aparecem com um trabalho cada: Nicolau Cesarino, Storni, Leônidas Freire, Belmonte, Ziraldo, Appe, Claudius, Samuca, Edson Takeuti, Roumen Statkov, Geandré e Chico Caruso.

História: Moderna

Este livro é formado por 3 unidades, I: “A crise do mundo liberal”, II: “O mundo bipolar” e III: “A nova ordem mundial”. A primeira é dividida em capítulos que abordam o Imperialismo na África e na Ásia, o Brasil na Primeira República, a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa, a crise dos anos 1920 e fascismo, a Segunda Guerra Mundial e a Era Vargas. A unidade II contém capítulos sobre a Guerra Fria, os governos populistas no Brasil, as experiências de esquerda na América Latina e a ditadura militar no Brasil. Por fim, a unidade III apresenta capítulos sobre o fim do socialismo real, o Brasil da redemocratização aos dias atuais, os conflitos regionais e a economia globalizada e os desafios sociais e ambientais do século XXI.

Encontramos 12 ocorrências neste livro de alguma forma de quadrinho. A maior parte é de charges (69%), seguido de caricaturas (23%) e de tiras (8%). Não houve nenhuma ocorrência de cartum (Gráfico 6).

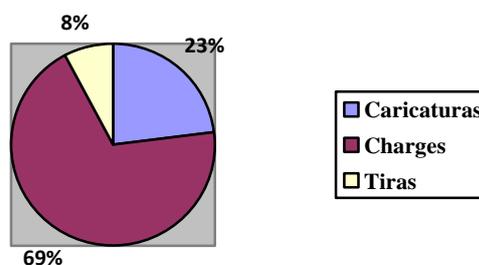


Gráfico 6 – Livro História Moderna: Total de quadrinhos por tipo.

Todas as imagens consideradas relacionam-se diretamente com o conteúdo de História que está sendo tratado – por isso a predominância de charges e caricaturas, que são formas de quadrinhos que se relacionam com pessoas e fatos reais. Todas as charges e caricaturas presentes no livro foram criadas contemporaneamente aos acontecimentos históricos aos quais se referem. A única tira encontrada é de 2005 (Figura 6), mas também aparece relacionada com o tema em estudo, que é a globalização.



Figura 6 – Tira de Ted Rall, de 2005. In: BRAICK; MOTA, 2012, p. 610.

Quanto à autoria das imagens, são bastante variadas. Com exceção do Ziraldo, de quem são reproduzidas 2 charges, as outras são cada uma de um autor, sem repetições. Das 12 imagens, 2 não têm autoria indicada, sendo 1 caricatura do século XIX e 1 charge em uma capa da revista *O Malho*. As outras 2 caricaturas são de autoria de Théo e Nássara, enquanto as charges são de K. Lixto, Pereira Neto, Alfredo Storni, Leônidas, Fritz e Henfil.

Considerações finais

Descobrimos por meio deste levantamento que há uma participação significativa de quadrinhos nos livros didáticos de Ensino Médio na atualidade. As tiras e as charges são os tipos mais encontrados, aparecendo tanto nas seções explicativas quanto nos exercícios.

Em Língua Portuguesa (LP), notamos que as tiras são maioria na seção de Gramática, exemplificando diferentes tipos de linguagem. Os exercícios partem do próprio quadrinho para serem elaborados, o que evidencia a valorização desse tipo de gênero nos livros didáticos.

As charges apareceram mais em Literatura, devido a seu caráter crítico. No geral, elas serviram para ilustrar e completar o contexto que está sendo estudado, visto que em Literatura a História é muito utilizada para tal. Notou-se também uma seleção de vários autores de quadrinhos, não havendo prevalência de nenhum, o que torna os materiais diversificados e ricos.

Já em História, pudemos verificar que ocorre a predominância das charges. Isso reforça a ideia de Ramos (2009) sobre a charge estabelecer uma relação intertextual com uma notícia – no caso dos livros, com o texto. As imagens em livros didáticos são utilizadas para ilustrar e também complementar o assunto a ser estudado. Mas, mais que isso, as imagens como as charges, as caricaturas e os cartuns também se propõem a fazer os alunos pensarem criticamente sobre o assunto abordado. Mesmo as tiras, quando apareceram nesta nossa análise, estavam relacionadas ao assunto em estudo.

Enfim, tanto nos livros de LP quanto nos de livros de História, os quadrinhos não são usados somente para “quebrar” a seriedade do texto escrito ou para ilustrar a matéria, mas também para apresentar artistas das diversas épocas e os pontos de vista diferentes sobre os acontecimentos históricos, ajudando assim a desenvolver pensamentos críticos nos estudantes.

Referências

- ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernardete M.; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. v. 3. São Paulo: Moderna, 2008.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História: sociedade e cidadania**. v. único. São Paulo: FTD, 2011.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – História**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. **História: das cavernas ao terceiro milênio**. v. 3. São Paulo: Moderna, 2012.
- CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.
- RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.
- SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **Eccos Revista Científica**, v. 27, 2012, p. 81-95.
- TORRALVO, Izeti Fragata; MINCHILLO, Carlos Cortez. **Linguagem em movimento: literatura, gramática, redação: ensino médio**. v. 3. São Paulo: FTD, 2008.